

**IPA THEÃ ONI
FECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA,
DAVI KOPENAWA - CENTRO ARTES UFF – NITEROI
& O LUGAR DE QUEM PODE FALAR?**

A

Doutas Professoras: [Dra. Adriana Vianna](#) e [Dra. Maria Elvira Díaz Benítez](#), Disciplina: MNA 702 Teoria Antropológica II
E-mail adrianaVianna@mn.ufri.br; María Elvira Díaz blueanase@yahoo.com

A

Edmundo Pereira: Orientador/Coordenador/Professor/Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. E-mail: edmundopereira@mn.ufri.br

reinaldopotiguara@gmail.com

REINALDO DE JESUS CUNHA

DRE:122023596

P E N S A M E N T O

ENQUANTO EU ESCREVO GRADA KILOMBA

Às vezes eu temo escrever.
A escrita adentra o medo
Para que eu não possa escapar de tantas
Construções coloniais
Nesse mundo Eu sou vista como um corpo que
Não pode produzir conhecimento
Como um corpo fora do lugar
Eu que, enquanto escrevo.
Cada palavra escolhida por mim
Será examinada
E, provavelmente, deslegitimada.
Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo
Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por
Idiomas forçados e
Interrompidas falas
E eu estou rodeada por
Espaços brancos,
Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer.
Então, por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação
Para encontrar a mim mesma
Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto
Mas o sujeito. Torno-me aquela que descreve
E não a que é descrita
Eu me torno autora,
E a autoridade
Em minha própria história
Eu me torno a oposição absoluta
Ao que o projeto colonial predeterminou
Eu retorno a mim mesma
Eu me torno.

Tradução livre do texto "WHILE I WRITE" de Grada Kilomba, feito por Anne Caroline Quiangala (UNB). Disponível em
www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w

RESUMO

A primeira versão deste trabalho teve início no ano de 2019, ocasião em que participava como aluno ouvinte de aulas de Filosofia do IFCS, de oficinas organizadas pelo Laboratório Geru Maa, em articulação com o NAE, Negros Africanos Estudantes da Faculdade de Letras/UFRJ; o que me possibilitou adentrar posteriormente no ano de 2021, a Faculdade de Filosofia do IFCS, e 2022, no Mestrado em Antropologia Social da UFRJ/MUSEU NACIONAL. Devido a grade curricular do Mestrado no segundo semestre TAlI, estarmos dialogando corpos teóricos da antropologia e etnologia com autores da Diáspora Africana, como Kilomba, Grada; Fanon, Frantz. Théophile Obenga, dentre outros. E ao mesmo tempo: atuando no movimento Indígena no Estado do Rio de Janeiro, através do CEDIND. Lembrei que a Dra. Karine Lopes Narahara (Ex. Coordenadora do Núcleo de Estudos Ameríndios), do Laboratório Geru Maa de Filosofia Ameríndia, do IFCS/UFRJ, que na ocasião trabalhou o texto de Grada Kilomba: “WHO CAN SPEAK” – de Tradução de Anne Caroline Quiangala - Quem Pode Falar? Pedi para que escrevêssemos com os nossos sentimentos, e a partir da reflexão do texto, escrever vivências, dificuldades e experiências vivida na academia em se tratando de sentir-se fora do lugar, mesma ocasião em que me encontro no PPGAS, em diálogos circular, colaborativos, participativo em sala virtual. E para alcançar os objetivos pretendidos. Busquei pensar em um trabalho que apontasse as principais dificuldades dos afro-ameríndios com o ‘Saber Popular’, advindas do Saber Oral, característicos dos povos africanos e indígenas. Na ocasião, para a materialização da ideia, participei na qualidade de ouvinte, da palestra de Davi Kopenawa, realizada no CINE ART – UFF/RJ. E aí pensei: porque não falar do Xamã Yanomami, que neste momento se encontra fora do seu território, em dia chuvoso, dando palestra para estudantes e professores? Pois, pensando bem: para uma plateia de indígenas e não indígenas na Cidade de Arariboia, em Niterói, seria uma oportunidade de fazer um paralelo com epistemologias indígenas e pretas na luta por direitos e reparação, o que não ocorre no nosso cotidiano. E a partir desse questionamento dei prosseguimento ao trabalho em epígrafe, sobre Davi Kopenawa, fora da sua aldeia em pleno centro urbano de Niterói em conferência. Na sutileza de suas palavras me chamou atenção, Kopenawa, pedir licença aos ancestrais indígenas do Rio de Janeiro, para poder falar do seu povo, da luta cotidiana para manter a floresta em pé, já que madeireiros e garimpeiros “com ajuda de forças oficiais”, vem desmatando a floresta; trazendo epidemias, doenças para as aldeias; contribuindo

para o aumento do efeito estufa e poluição atmosférica. E para alcançar os objetivos metodológicos, Usei como ferramenta de pesquisa: vídeos, textos apresentados em diálogos em TALL; monografias; plataforma em redes sócias: como facebook, youtube, instagram, jornais, livros e/outros.

Palavras Chaves: Quem Pode Falar; Maat; Xapiri; e Decolonialidades.

INTRODUÇÃO

A pesar de toda sorte de discriminação e racismo que sofrem os povos originários e quilombolas; ainda assistimos em pleno século XXI, na grande mídia, nos meios de comunicação de massa, o preconceito enraizado, o racismo disfarçado, o encarceramento em massa do povo negro, e extermínio dos povos afro-ameríndios. E isso não ocorre por acaso, aliás, faz parte da política que no passado teve seu viés colonialista, escravocrata e patrimonialista; E hoje, relegado à própria sorte como homem livre: desconstruído, desumanizado, jogado ao lixo como um bagaço de laranja. E para manter a lógica colonial na contemporaneidade, subjugar os corpos negros e indígenas; submeteram a toda forma de opressão, chibata, acoite, e extermínio. Vimos atualmente uma mudança no cenário da educação superior, com a presença do povo preto na universidade. A pesar da desconstrução de um só povo integrado à sociedade. Os racistas brancos nos chamam de coisa; que não temos filosofia; e que o extermínio e o acoite em nossos corpos foi para nos tornar civilizados. É verdade que a catequese fizeram nosso parentes achar que a salvação está noutra planeta, no céu, devido ao apagamento cultural. Com relação ao colonialismo, Grada Kilomba assim resume: “Não há nada de acidental lá, eles são localizados nas margens pelo regime dominante que regula os parâmetros do que é ou não acadêmico de verdade. As estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é conhecimento "verdadeiro" e "válido" é controlado por acadêmicos brancos - tanto homens quanto mulheres - que declaram suas perspectivas como pressupostos universais e objetivos. Desse modo, as posições de autoridade e comando, na academia, têm sido negadas ao povo negro e não branco; Desse modo, a ideia do que é ciência e conhecimento acadêmico - óbvio - permanecem intactos - isso coloca o conhecimento acadêmico e a própria academia em si como uma "propriedade" exclusiva da branquidade”. Assim, dialogando: os parâmetros dos estudos na academia, é eurocêntrica, branca, e o que não pertence ao ideário branco, é fake News, ou algo assim; porque tanto ontem e hoje, nossos corpos são coisificados, sem validade do poder normativo branco. Assim reafirma Grada: “Assim, não é uma verdade objetiva e científica que nós encontramos na academia, mas o resultado relações desiguais das poderosas relações "raciais". Dando enfoque para além do genocídio preto: Pierre de Clastres, em ‘A sociedade Contra O Estado’, (1979) vai chamar de “Etnocídio”. “A Morte da Alma”. Embora, hoje visível a presença dos afro-indígenas nas universidades públicas devida a política de quotas raciais, que completou dez anos. As universidades

são chamadas a reavaliar se prosseguem ou não a políticas de quotas. [O professor Edmundo Pereira, Coordenador do PPGAS/UFRJ](#), em aula de TAI, Introdução ao Estudo da Antropologia Social, afirmou em aula, que é salutar a troca com epistemologias preta e indígenas; pois, enriquece o conhecimento de todos, e oxigena as universidades: possibilitando a formação de mestres, doutores e pós-doutores. Apesar desse avanço, aqui e ali, vimos o surgimento de projetos de Lei, por parlamentares brancos, propondo o fim da política de quotas. Esse lugar na academia passados 522 anos da conquista de pindorama: é motivo de ressurgência, da comuna preta e originária. Apesar da obrigatoriedade do estudo da língua indígena e africana, com a positivação da Lei 11.645/2008. Na prática, o que prevalece dentro nas escolas de primeiro, segundo grau e na academia é o estudo de autores “eurocêntricos”, aí incluindo literaturas de países, como: Alemanha, Itália, Espanha, Holanda, França, Inglaterra, e devida a Geopolítica Pós-Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos. Para consolidação desse trabalho, optamos aprender com a troca de diálogos, resumos, trabalho individual, coletivo em sala de aula virtual. Para embasar minha contribuição em sala de aula, busquei um texto proposto pela professora Dra. Karine Lopes Narahara (Coordenadora do Núcleo de Estudos Ameríndios), do Laboratório Geru Maa de Filosofia Ameríndia, do IFCS/UFRJ; que sugeriu lermos o texto de Grada Kilomba Quem pode falar? E que depois apresentássemos um resumo com os nossos próprios sentimentos, do que sentíamos na universidade. Na ocasião, por coincidência, tínhamos a presença do Davi Kopenawa, Líder Yanomami, que se apresentaria em Niterói, no Centro de Artes da UFF, em palestra que teve o caráter de Conferência, em 30/04/19. Daí pensei: porque não fazer um contraponto a narrativa de um Líder Indígena, e ativista preta? Foi quando tudo começou. O tema da Conferência proposto pelos organizadores: O Brasil a Margem - Teko Porã: Cosmovisão e Expressividades Indígenas - IPA THEÃ ONI: “FLECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDÍGENA”. E para marcar o nosso referencial teórico, em contraposição as narrativas eurocêntricas. Escolhemos textos, livros, entrevistas, disponibilizado em redes sócias, de professores, e lideranças com atuação no movimento negro e indígena. A começar com a entrevista da Doutoranda Julie Dorrico mestre do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sobre o estudo da Literatura Contemporânea e Indígena, dada a revista: (IHU online, em 18 Abril 2018); Kátiuscia Ribeiro, professora, Mestre em

Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ. Doutora em Filosofia no Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF; Coordenadora do Laboratório de pesquisa em Filosofia Africana - Geru Mãe no IFCS/UFRJ. E Bruce Albert e Davi Kopenawa, que em parceria escreveram o Livro: “A QUEDA DO CÉU”, palavras de um Xamã Yanomami. Com relação ao livro lançado na França: Julie Dorrico, descreveu como nova literatura contemporânea, fruto de lutas e conquista, e protagonismo indígena. “Ao pensar a literatura indígena não devemos cair na armadilha de observá-la a partir dos cânones ocidentais. “Essas produções indígenas dão uma abertura muito maior ao conceito de literatura indígena, de modo que não se restringe ao texto escrito, incluindo, também, os cantos, as danças, os grafismos”, esclarece Julie. “A literatura indígena assume os índios como protagonistas e/ou produzida por eles próprios. Devemos ter o cuidado de não homogeneizar suas cosmologias, porque são povos muito diversos, com visões de mundo diferentes, apesar de aspectos em comum, como a demarcação de terra, porque a territorialidade é condição essencial para a vida indígena”, codificou. Em se tratando de literatura, filosofia, história afro-indígena, estamos falando de cosmovisão e/ou cosmo sensação, peculiar ao povo preto. O Brasil, em seu vasto território, recebeu diversas povos, com cultura e língua própria. Segundo historiadores renomados, os primeiros habitantes do Rio, foram os povos Sambaquis, ou monte de conchas, que trouxeram vasto conhecimento, da astronomia, culinária, medicina vindo do continente africano. A doutoranda em [filosofia Kemética](#), Katiúscia Ribeiro, em reunião com a equipe de pesquisa do GERU MAAT, no IFCS, em 08/05/19, disse que os negros e indígenas pensam pelo coração, e não com a razão socrática do branco. “As investigações epistêmicas e historiográficas do Laboratório Geru Mãe, tem como compromisso, pensar a filosofia Africana procurando trazer uma produção que reverbere na contemporaneidade; tendo a responsabilidade de buscar nas referências ancestrais africanas, princípios que contribuam em quanto povo preto”. Segundo Katiúscia, o branco diz que o povo preto não tem filosofia, e nós temos, salienta: “O principal filósofo Kemético de todos os tempos, chama-se, Amenomope; E Maat – significa o nosso elo vital. E deve ser entendido como (exercício diário do bem viver), uma vez que se trata de um saber que está ligado diretamente ao sujeito O cosmos, O ser (nós) ao todo equilíbrio da alma”. E reafirma: “Kemet, é terra negra de preto, enquanto raiz do conhecimento ontológico e

cosmológico; De uma ética de responsabilidade individual para um projeto de integral de sustentabilidade humana e social com a natureza do mundo. Sem dúvidas: o pensamento especulativo transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo, e unifica-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos, ou positivos e dialética, pode ser oral e escrito, está necessariamente ligado aos problemas da vida”. Dialogando com no presente com o povo preto, reafirmando o futuro, entre campos teóricos tão distante e tão próximo: A palavra que encontrei para fundamentar este trabalho foi SERENIDADE, ou a Ética da Serenidade, que o professor [Renato Nogueira](#) da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) assim resume: “O que caracteriza a ética da serenidade? As pistas de [Amen-em-ope](#) convergem para um aspecto. As características do geru maa circunscrevem pelo menos uma questão: a possibilidade de uma vida feliz. [...] Um mergulho em si mesmo, traz à tona as nuances mais específicas de cada elemento, força vital (ka); coração/alma (ba); força divina (akh) sombra (sheut) e identidade (ren). O conhecimento de si passa pelo modo como esses elementos interagem e a ação/destino se organiza e desenvolve. O conhecimento de si provoca o discernimento devido para uma vida feliz”. Assim, finaliza [Katuscia](#) com o referencial teórico de [Theophile Obenga](#). “A filosofia pode ser definida como pensamento reflexivo, sistemático sobre a vida”. Sobre a antropologia preta, o pessimismo negro em paralelo. A Dra. Maria Elvira Díaz do PPGAS, em uma passagem com autores pretos: “A escravidão é um lugar original da violência contra os negros. Isso significa que o corpo negro é um corpo humano, um corpo sujeito. Pois, o corpo escravo não tem ontologia, e ele dá os contornos para seu futuro. Porque a violência contra o negro é gratuita. Qualquer situação é pressuposto de violência contra o negro, independente da sua classe social. Essa violência é para lembrar o negro que ele é um escravo, não humano, alienado, até seus descendentes são escravos”. Com relação a *Critica a Razão Negra*, principio e raça e seu significado, de Achille Mbembe, Elvira assim resume: “O princípio de raça depende de um conjunto de práticas cujo alvo imediato, direto, é o corpo do outro e cujo campo de aplicação é a vida em sua generalidade; Uma forma espectral da divisão e da diferença humana, suscetível de ser mobilizada para fins de estigmatização, de exclusão e de segregação, por meio das quais se busca isolar, eliminar e até mesmo destruir fisicamente determinado grupo humano”. Em seu artigo: ‘Evocações da escravidão. Sobre sujeição e fuga em experiências negras’, assim resume: “Vale a pena destacar

que é justamente através da análise da escravidão como instituição primária de sujeição e aniquilação que diversos historiadores têm encontrado um ponto fulcral para falar sobre a fuga, ou resistência, como é mais comumente chamada. Isso porque é lá, na escravidão, naquele espaço de morte e desolação, que os escravizados idearam diversos modos de sobrevivência, e a partir de onde planejavam sua liberdade”. Contudo com relação a sala de aula, a discussão sobre o povo preto da universidade, Grada Kilomba vai dizer: “Não surpreende que a maioria das/os estudantes brancas/os não consigam responder às questões, enquanto estudantes negras/os respondem corretamente a maioria delas. Repentinamente, aqueles cujo conhecimento tem sido escondido se tornam visíveis, enquanto aqueles que são sempre visíveis se tornam invisíveis. Aqueles que costumam se calar começam a falar, enquanto aqueles que sempre falam se tornam silentes. Silentes não porque não são capazes de articular suas vozes ou idiomas, mas, pra além disso: eles não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê”? Pensar o estudo afro-ameríndios, sem contudo, levar em consideração a luta do negro e dos povos indígenas, é tapar o sol com a peneira, é fingir que não está acontecendo nada. Nesse sentido buscamos nesse trabalho o elo vital, a transcendência, um modo de vida saldável. Pois, o Xapiri com equilíbrio de Maat, nos enviou a mensagem na “pele de papel”, dizendo que está muito triste na voz de um xamã Yanomami. E que o equilíbrio do nosso ecossistema está em nossas mãos... pois ainda cedo, o céu cairá sobre nossas cabeças.

IPA THEÃ ONI
FECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA,
DAVI KOPENAWA - CENTRO ARTES UFF – NITEROI
& O LUGAR DE QUEM PODE FALAR

A Sociedade Indígena e Não indígena, recebeu dia 30/04/19, às 17:h, no Centro de Artes da UFF, na Rua Miguel de Frias – N.9, Icaraí em Niterói. O revolucionário, escritor, pajé, Davi Kopenawa, presidente da Associação Indígena yanomami. O evento, IPA THEÃ ONI - FECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA; Brasil a Margem - Teko Porã: Cosmovisão e Expressividades Indígenas, organizado pela UFF. Reuniu nos dias 24 a 30 de Abril, diversas lideranças indígenas e não indígenas; A comunidade acadêmica e

estudantes no saguão do Centro de Artes. Na ocasião foi disponibilizado aos visitantes: exposição de fotografias, e cosmovisão indígenas. Segundo a definição dada pelos organizadores: “Em guarani: Teko Porã; em quechua Kawsai, Suma qanaña, em aymara, todos estes termos se referem a idéias sobre o Bem Viver em comunidade; uma busca por equilíbrio nas relações entre as pessoas e o meio ambiente capaz de compreendê-lo como um ser vivo e ativo. Essas idéias e valores dos povos ameríndios têm sido retomados e repensados como proposta para a sociedade; Uma alternativa ao aprofundamento das desigualdades sociais; A degradação da natureza e as perdas das dimensões empáticas e afetivas nas relações humanas”. A estudiosa de Literatura indígena, A doutora Julie Dorrico: “A civilização deveria ler/ouvir/conhecer as palavras dadas pelo xamã yanomami, porque elas possuem a voz da ancestralidade. Porque elas nos ensinam modelos alternativos de convivência com o meio ambiente, com o homem, e com a própria noção de posse e partilha. E, além disso, porque elas nos apresentam uma diferença antropológica relatando-se, apresentando-se a nós, para além das caricaturas que dela fizemos. Sua originalidade consiste na condição antropológico-ontológica que resiste no tempo e no espaço”. Com relação ao evento, assim indagou os participantes: “O que pode a arte quando a sociedade é levada ao limite? Quais as potências nas formas expressivas dos povos ameríndios vêm sendo invisibilidades e colocadas à margem tanto social, quanto esteticamente”? Esses questionamentos estava colocados no cartaz, pela produção do evento que contou com o apoio do Centro de ARTES/UFF – Rádio Indígena YANDE e a Universidade Federal Fluminense. Maiores informações foram disponibilizados no site: www.centrodeartes.uff.br; e em convite distribuído ao público. Segundo a organização: Este não foi o primeiro evento desse porte, organizado pelos idealizadores. Na verdade essa é a segunda edição, realizada no Teatro da UFF. “A margem se propõem a ser um espaço acolhedor, abrindo seus espaços dedicados à arte, para as idéias; visões e formas expressivas tradicionais e contemporâneas dos povos indígenas, colocando em questão as concepções de arte, suas linguagens e o próprio conceito do contemporâneo, historicamente determinados sobre critérios do ocidente”. Para os organizadores: “A figura ilustre, a presença de Davi Kopenawa, transcende o local do seu nascimento e convívio social. Pois, vem ao encontro dos defensores da terra, dos animais que vivem na floresta, dos encantados que apelam por socorro na pele de papel, na fala do xamã Yanomami. Segundo Julie Dorrico: “A mensagem do xamã estende-se não apenas em sua

defesa, mas de todos os humanos. A destruição maciça da floresta prejudica não somente o modo de vida dos Yanomami, mas também daqueles que a destroem”. No Brasil, a terra está nas mãos do agronegócio, latifundiários e políticos que roubam e saqueiam, destroem tudo em benefício do lucro, à custa do caos. Continua Julie Dorrico: “Controlada por empresas que detêm o monopólio econômico, a riqueza de poucos, traz uma série de consequências para muitos. É nesse sentido que devemos ouvir o que diz o xamã para aprendermos que a Terra não é colônia de exploração. É o lugar que habitamos; ela não é uma propriedade, mas uma partilha, um presente que foi dado gratuitamente a todos e para o usufruto de todos”. O evento trouxe a riqueza da cosmovisão e expressividade indígena, com debates, oficinas, exposições, espetáculos, música e mostra de cinema. O público prestigiou o evento lotando os acentos e ocupando todos os espaços disponíveis, que foram ocupados majoritariamente por estudantes e acadêmicos. Após a apresentação do Davi Kopenawa, por vinte minutos. Foi franqueada a palavra ao público, que interagiu fazendo perguntas sobre a sua militância em Defesa dos Povos da Floresta; O livro: ‘A Queda Do Céu’, escrita por ele e Bruce Albert. As principais questões trazidas por Kopenawa, foram relativas ao desmatamento nas Terras Yanomani; A poluição atmosférica causadora do efeito estufa; A relação dos indígenas com as autoridades brasileiras na área de educação e saúde; Além do apoio que ele recebeu de ONGs e governos estrangeiros, contra o desmatamento na Amazônia. Quem é Davi Kopenawa? Kopenawa segundo o Instituto Sócio Ambiental. “Davi é Líder espiritual, Xamã e porta-voz do povo Yanomami do Brasil. Nasceu em 1956 em uma comunidade isolada do norte amazônico. Sua família foi morta por uma violenta epidemia de rubéola quando ele tinha 11 anos. Vinte anos mais tarde milhares de garimpeiros em busca de ouro invadiram o território Yanomami. Para impedir a tragédia anunciada, Davi se engajou em uma luta ao redor do mundo onde é reconhecido como uma dos maiores defensores da Amazônia e de seus primeiros habitantes. Em 1988, Davi recebeu o Global 500 Award das Nações Unidas e em 1989 o Right Livelihood Award considerado o prêmio Nobel alternativo. Foi condecorado em 1999 com a Ordem do Rio Branco pelo Presidente da República brasileiro; em 2008; recebeu uma menção honrosa especial do prestigiado Prêmio Bartolomé de Las Casas outorgada pelo governo espanhol por sua luta em defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas”. Sobre o Livro a Queda do Céu, sintetiza Julie Dorrico: “Gostaria, contudo, de ressaltar dois aspectos em especial: o primeiro é que os xapiri não tocam no plano material, quando eles querem ficar perto dos

humanos; eles caminham pela floresta por um caminho espelhado que eles mesmos projetam e criam, nunca tocando o chão; eles são por demais puros. Quando um xamã bebe o pó da yãkoana, os espíritos os ensinam, pelo canto e dança, a caçar, curar doenças, a celebrar a vida”. Contudo, acrescenta Julie Dorrico: “Com a ação predatória do não indígena, o desmatamento desmesurado da floresta, este forasteiro coloca em risco não só a sobrevivência física do sujeito yanomami, sobretudo a cosmologia na qual os Yanomami radicam seu modo de vida. Antes do contato, quando um yanomami ficava doente, na cultura yanomami a doença significa que a imagem do sujeito está sendo atacada por um espírito (yarori), e os xapiri precisam intervir recuperando a imagem desse sujeito, resgatando-a do ancestral animal raptor, e devolvê-la ao paciente yanomami. Hoje, com as epidemias do ‘branco’, os xapiri pouco podem fazer para ajudar. Estas imagens (estas doenças), eles não as conhecem, por isso não podem fazer nenhum ritual de cura, e além disso, a doença física resultante do contato com o branco significa a doença no plano espiritual dos xapiri. O mundo material e espiritual adoce concomitantemente pondo em risco toda a vida comunitária”. (Julie Dorrico – entrevista abril de 2018 – [Ricardo Machado – IHU ON-LINE](#)). Ainda sobre o Livro: “A imponente obra A queda do céu (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), com quase 800 páginas, escrita em parceria entre o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert; converteu-se em um dos grandes livros de nosso tempo. Além de ser um rico relato das cosmologias Yanomami “a etnografia do mundo espiritual oferecida por Davi não tem comparação na literatura etnológica e fornece, para além de uma descrição de um mundo que desconhecemos, o ponto de partida de onde se lança a crítica ao mundo das mercadorias e a advertência da queda do céu; esse fim de mundo previsto pelos xamãs Yanomami , que nós estamos conhecendo como o antropoceno”, aponta José Antonio Kelly Luciani , que é graduado em Engenharia Eletrônica pela Universidade Simón Bolívar, na Venezuela; e realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, Inglaterra, em entrevista por e-mail à [IHU On-Line](#)”. (Ricardo achado 19/08/2017). Abrindo a solenidade no auditório da UFF. Com a palavra, e bastante sorridente, Davi Kopenawa saudou a platéia, agradeceu o convite, dizendo que estava feliz em estar no Cine Arte da UFF. Justificou o convite dizendo que foi chamado para conversar e trocar idéias a respeito do povo Yanomami; apontar as principais dificuldades enfrentadas com a invasão de madeireiros e garimpeiros em seu território: “Ao vir ao Rio, presto as minhas homenagens aos povos ancestrais que morreram por perseguição e

doenças advindas do homem branco”. E acrescenta: “Meu nome é Davi Kopenawa Yanomami. Sou liderança indígena tradicional e aprendi na prática. A minha educação não foi de bancos escolares, mas sim em ouvir, em falar com o homem branco. Sou pajé e aprendi a cura Yanomami com Omama. Porque se a floresta for completamente devastada nunca mais vai nascer outra. Sobre a narrativa de Kopenawa, Julie Dorrico, no seu estudo e pesquisa ressalta: “O conhecimento da literatura indígena é, também, uma forma de descolonização do pensamento e dos saberes ocidentais como essencialmente homogeneizantes e determinantes do que podemos gostar, estudar, conhecer, tal como o xamã yanomami nos ensina na obra *A queda do céu*. Esta abertura a outras epistemologias é uma alternativa para dialogarmos com as diferenças, educando-nos com novos olhares e saberes, sobretudo, pelo que tenho aprendido com essa literatura, em termos de sensibilidade às diferenças”. Continuado seu discurso: “Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos de Omama. Meu único professor foi Omama. Eu trabalho com a força da natureza. Sou presidente da Associação Yanomami e fui convidado para vir aqui para falar de mudança climática. Os fazendeiros vem desmatando e derrubando nossa floresta. Eles não conhecem que existe árvore venenosa que mata gente. A sociedade não indígena não conhece as florestas. As fumaças, os gases vem lá de cima e cai aqui em baixo, matando a gente aqui na terra. Na minha aldeia agente ver porque o sol fica amarelo. O povo da mercadoria vem se multiplicando e aumentando a população não indígena. E a poluição vem causando prejuízo para os índios e não índios. Vocês são brasileiros, nasceram nesse país, e por isso que devem se preocupar com a natureza. As autoridades capitalistas vem destruindo a mãe terra. E vocês tem obrigação de cuidar, de pedir ao criador para proteger a terra, ou vocês esqueceram? Nós, povo Yanomami pedimos tudo a Omana”. Com relação ao Livro *a Queda do Céu*, Kopenawa disse que estava muito contente com as pessoas que estão lendo o livro. “Levei muito tempo para traduzir com Bruce Albert. Foram muitas horas de gravação, traduzida para trazer para vocês um pouco da nossa história e nossos costumes”. Com relação a saída da “Aldeia Maracanã” - Casa Grande Yanomami, para o território branco. Kopenawa disse que foi obrigado a sair do território para poder reconquistar a terra ocupada por garimpeiros e madeireiros. “Essa luta não foi só minha e da minha comunidade yanomami”, esclareceu ao público: “Essa luta pela conquista do nosso território, tivemos o apoio de autoridades brasileiras e estrangeiras. A terra yanomami é para o nosso povo viver e não para

ser roubada”. E continua: “As autoridades brasileiras dizem que o território Yanomami é muito grande para os indígenas e justifica a luta: “É por isso que eu lutei para garantir para o nosso povo a nossa terra”. Desconfiado, da interação do público com sua fala, Kopenawa perguntou a platéia: “Vocês estão entendendo o que estou falando”? O público acenou positivamente. E continuou: “O meu criador Omama me fez compreender o caminho de luta e de resistência para retomada do nosso território. O branco invadiu nossa terra Yanomami, ainda quando eu era muito pequeno” ressaltou. Com relação a identidade Indígena, [Ailton Krenak](#), nos ensina: “Quando uma criança krenak nasce, não vai para a creche, ele fica com a mãe, as avós e as tias; partilham um cotidiano e um modo de estar na vida. As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros têm de perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração”. (Christiana Martins, no Expresso 22/10/2018). Continua Kopenawa: “A primeira saída para terras estrangeiras de se deu com Ailton Krenak, ocasião em que receberia uma homenagem, um prêmio na Europa, e me convidou. Dessa oportunidade foi que conheci a Grécia. Daí em diante, tenho visitado cidades para divulgar nossa luta e o livro tem contribuído para vocês conhecerem nossa história,” sintetizou. Com relação a vocês estudantes universitários, conclamou: “Passou o período dos estudos na faculdade: volte para sua terra, volte para seu povo, não se deixe se levar pelas mercadorias do branco”. Finalizando a Conferencia, reclamou da atuação do governo brasileiro, com a invasão dos garimpeiros: “O governo tem a obrigação de resolver os problemas que são gerados pelos os não indígenas à comunidade Yanomami. São invasores, são mercadores que estão trazendo doenças, poluindo os rios, e contamos com a sociedade civil, com os estudantes, as autoridades brasileiras e estrangeiras, para tirarem os garimpeiros, que estão poluindo de mercúrio os rios, matando e envenenando os peixes e animais da floresta”, finalizou.

Análise Conclusiva

Em se tratando de literatura e cosmovisão afro-ameríndia, nos faz pensar e agir em defesa e valorização das diferenças, do equilíbrio do ser. A professora de Filosofia do IFCS, Katiuscia Ribeiro vai dizer: “A cosmologia africana e a indígena estão muito próximas. E o recado

hoje, é que a luta contra o racismo, o direito a viver com dignidade, com respeito a diversidade, são característica do povo negro e povos ameríndios; Essa visão eurocêntrica de mundo nos discordamos com veemência, pois, “o ocidente não é o centro do mundo, pois a África é a civilização mais antiga, e o ocidente copiou, modificou, transformou, o legado egípcio, que era africano”. Na página do Geru Maa, no <https://www.facebook.com/HEKAPHILOSPRETA>, assim distingue-se a atuação afro-indígena: “A distinção natureza-cultura, paradigma fundante das ciências ocidentais, é apenas uma dentre as várias possibilidades não apenas de ver ou conhecer o mundo, mas acima de tudo de estar-no-mundo. Nas filosofias africana e ameríndias essa divisão perde sentido ou centralidade. Chamo atenção ao fato de que estamos nomeando esses sistemas de pensamento não enquanto cosmovisões ou cosmologias, mas enquanto filosofias. Isso implica colocá-las em pé de igualdade com a filosofia hegemônica – nomeada em geral como filosofia ocidental. E tida pelos seus representantes e estudiosos como A Filosofia – com F maiúsculo. [...] Assim, afirmar a existência de outras filosofias, não ocidentais, significa reafirmar a própria humanidade afro-indígena. Enquanto o maquinário racista e colonialista prossegue, ainda hoje, colocando nossa existência em questão. É neste contexto que ganha sentido a criação e a manutenção de um núcleo de Estudos Ameríndios junto aos estudos da chamada africanologia”. Mas, se a articulação com a espiritualidade em Maat e Xapiri está oculta, e só pode ser sentida pelos indígenas, e povo preto pela similaridade. Como então desconstruir na academia os preconceitos imperiais, com idéias, ideias próprios, em contraposição ao que o branco entende como saber antropológico, dentro de outra perspectiva etnológica? Com relação a essa transversalidade dentro da academia, Grada vai dizer: “A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes - graças ao racismo como sistema - temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento válido. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima”. O que dizer do Xapiri o encantado da Floresta? Temos sensibilidade de percebe-lo assim com Maat? Bom: os povos indígenas chamam as plantas, animais como parentes. Será que vamos perceber que o planeta é um todo ordenado, e não está

separado dos bichos e/ou animais racionais? Falando do nosso protagonismo: entendo que o povo preto, os povos originários, buscam seu protagonismo, sem contudo, virar peça de museu, ou figura folclórica a ser reverenciada por escritores brancos e/ou mesmos, renomados filósofos do indianismo afro-indígena. Pensar o sujeito individualmente ou coletivamente, como diz Julie Dorrigo: “Imprimir suas palavras no livro, na “pele de papel”, denota o reconhecimento do alcance dos instrumentos tecnológicos da sociedade majoritária. A palavra oral passada milenarmente de geração em geração não conseguiu frear as incursões predatórias dos não indígenas, nem os projetos do governo contra o seu povo”. Com relação a deixar algo escrito para ser pensado e estudado pelo branco na pele de papel? Podemos afirmar que a engrenagem mudou. A militância de escritores indígenas e africanos, hoje procuram marcar seu próprio território com autores e pensadores próprios. A esse respeito [Julie Durrigo](#) afirma: [...] “Esse ato é importante, porque marca uma presença, uma voz, via livro impresso, literatura, antropologia; da sua reivindicação pelo direito à re-existência”. A sociedade não indígena despersonaliza o sujeito indígena porque se agarra ao imaginário construído desde os textos fundacionais do país escritos sob a ótica do colonizador e reproduzidos na literatura, na história, em quase todos os campos de saber. Colocar as palavras, a história em peles de papel significa inscrever o povo Yanomami na história do país, mas uma história adveniente desde si mesmo, de sua experiência e característica calcadas na diferença. Em suma, os indígenas – e, em nosso caso, [Davi Kopenawa](#), publicizam a causa indígena, para consolidá-la na sociedade civil, para afirmarem-se como sujeitos público-políticos, com singularidade própria. Finalizando: fechamos com as palavras de [Grada Kilomba](#), reafirmando a importância de falar das nossas subjetividades, idealismos sensações, epistemologias, pois somos sujeitos de direitos: “Assim como a hierarquia introduz dinâmica em que Negritude significa “estar fora do lugar” ela se refere ao fato de que branquitude significa “estar no lugar”. Foi dito a mim que eu estava fora do lugar, já que na fantasia dela eu só poderia ser a plebeia. Meu corpo é visto como impróprio. Em meio ao racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos “fora do lugar” e, além disso: corpos que jamais poderão pertencer a algum lugar. Corpos brancos, ao contrário, são corpos sempre próprios, são sempre corpos em casa, “no lugar”, corpos que sempre pertencem ao lugar”. E nós com certeza discordamos, pois não nos interessa o que a academia branca impõe com saber ontológico.

Referências Bibliográficas:

Asad, Talal. 2017. "Introdução à 'Anthropology and the colonial encounter'". In: *Ilha. Revista de Antropologia*, v. 19, nº 2, p. 313-327.

Asad, Talal. 1993. "The Construction of Religion as an Anthropological Category". In: *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. pp 27-54 [tradução: Asad, Talal. 1993. "A Construção da Religião como uma Categoria Antropológica". *Cadernos de Campo* 19: 263-284]

Asad, Talal. 1993. "The Construction of Religion as an Anthropological Category". In: *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. pp 27-54 [tradução: Asad, Talal. 1993. "A Construção da Religião como uma Categoria Antropológica". *Cadernos de Campo* 19: 263-284]

Asad, Talal. 1993. "The Construction of Religion as an Anthropological Category". In: *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. pp 27-54 [tradução: Asad, Talal. 1993. "A Construção da Religião como uma Categoria Antropológica". *Cadernos de Campo* 19: 263-284]

Ailton Krenak

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf

A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã
<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/XAPIRI.pdf>

Brasil: Amargem Teko Porã
<http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/brasil-a-margem-teko-pora/#:~:text=Em%20guarani%20Teko%20Por%C3%A3%2C%20em,um%20ser%20vivo%20e%20ativo>

Conferência de encerramento - Ipa theã oni: flecha para tocar o coração da sociedade não indígena -
<http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/brasil-a-margem-teko-pora/>

Dorrigo, Julie: O catálogo de tragédias dos yanomami na voz de Davi Kopenawa. Entrevista Julie Dorrigo.

<https://www.ihu.unisinos.br/577936-o-catalogo-de-tragedias-aos-yanomami-na-voz-de-davi-kopenawa-entrevista-especial-com-julie-dorrigo>

Geru Mãe: Filosofia Afreekana:

<https://www.facebook.com/HEKAPHILOSPRETA/>

Instituto Sócio Ambiental, 2015: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/publicacao-a-queda-do-ceu-revela-o-pensamento-do-povo-yanomami>

IHU On-Line . (Ricardo achado 19/08/2017)

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/570809-o-incomparavel-olhar-yanomami-de-davi-kopenawa-entrevista-especial-com-jose-antonio-kelly-luciani>

Mbembe, Achille. 2018 (2013). “O sujeito racial”. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 Edições. pp. 27-77.

Fanon, Frantz. 2012. (1952) *Peau noire, masques blancs*. Paris: Points. [tradução: Pele Negra, Máscaras Brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020] – Introdução e cap. 4: Sobre o pretense complexo de dependência do colonizado.

NOGUERA, R. Ensaio Filosófico, Volume VIII – Dezembro/2013

http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf

Katiúscia Ribeiro Pontes

https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kati%C3%BAscia_ribeiro_-_dissertac%C3%A7%C3%A3o_final.pdf

Obenga, Théophile: Egito: História Antiga da Filosofia Africana:

https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf

Quem pode falar? (Grada Kilomba):

<http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html>

REVISTA IHU ON-LINE – Por: Ricardo Machado | 18 Abril 2018
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578108-o-grito-silencioso-de-davi-kopenawa-e-dos-yanomamis-nas-peles-de-papel>

Said, Edward. 1990 (1978). “Introdução”. *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras. pp 13-39.

Said, Edward. 2003. “O Orientalismo reconsiderado”. *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Cia das Letras. pp 61-78

Trouillot, Michel-Rolph. 2011. “Moderno de Otro Modo. Lecciones Caribeñas desde el Lugar del Salvaje”. *Tabula Rasa* 14: 79-97
Kilomba, Grada. 2019 (2008). *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó - cap. 1: A máscara: colonialismo, memória, trauma, descolonização e cap. 2 Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento. pp 33-46; 47-69

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=a595bNStdMU
<https://www.geledes.org.br/somos-indios-resistimos-ha-500-anos-fico-preocupado-e-se-os-brancos-vaio-resistir/>

Vídeo com entrevista de Julie Dorrico -
<https://www.youtube.com/watch?v=a595bNStdMU>